



A base

O tempo caminha para frente, não sendo fisicamente possível retroceder, apesar dos esforços da ficção científica. Tudo, até o universo, tem começo e fim, ainda mais em se tratando de situações infinitesimais, como o movimento, o golpe. Sem o equilíbrio, o movimento perde-se no vazio e vulnerabiliza seu autor. Retrocede-se no espaço, mas jamais no tempo, de modo que aquele que não estiver equilibrado sempre perderá seus atos para a realidade externa, embora possa, no futuro, refazer o caminho no espaço.

Esse equilíbrio é fundamental à vida; ela própria fruto de instável equilíbrio bio-fisiológico. A vida também se perde, e sempre, pelo desequilíbrio. Todas as vidas encontram fim quando agentes internos ou externas provocam desequilíbrio tal que fará perecer o ser vivo, o que fatalmente acontecerá, mais ou menos dia.

O conceito abstrato de equilíbrio está por trás da noção de dāchi e transcende, em muito, a fórmula habitual, pela qual conferimos a posição dos membros inferiores no chão, atribuímos as responsabilidades respectivas aos ossos, músculos e articulações, orquestra regida pelo cérebro.

Tudo isso é intrinsecamente verdadeiro, mas há muito mais nesse imenso e flutuante iceberg representado pelo dāchi: a base.

Jamais saberemos o verdadeiro significado do dāchi, seu conceito, sem explorar suas múltiplas acepções, e sem fazê-lo, nunca será possível exercitá-la fisicamente em sua plenitude. Esse o portentoso desafio. Epistemologicamente é necessário antes conhecer para depois interagir. Interação sem conhecimento somente resulta em sucesso por mero acaso. Paradoxalmente, na prática, o conhecimento advém da ação, mas criticamente estudada.

Dāchi, antes de tudo, deve significar disponibilidade, ou seja, a capacidade do praticante em, a partir de suas características estruturais, estar apto a realizar



determinados atos com eficiência. É intrínseca na qualidade do movimento, sendo diretamente proporcional a ela. Melhor dizendo, na exata medida em que essa disponibilidade falta, faltarão qualidade (e eficiência) ao movimento, que não sobrevive sem equilíbrio.

É por isso que, na linguagem convencional, se diz que tem “base” aquele que tem conhecimento e sabe aplicá-lo. Está subsumido que o detentor do conhecimento foi suficientemente equilibrado para absorvê-lo, e, posteriormente, aplicá-lo às situações da vida.

Essa correlação entre o conhecimento disponível e sua aplicabilidade é inerente à noção de dāchi, daí sua importância para a formação do ser humano. A base em forma de dāchi é constantemente testada pela prática, por isso a importância de seu exercício.

O equilíbrio (dāchi) está presente em todas as situações da vida, do berço ao leito de morte. Lutamos todos os segundos da vida contra o desequilíbrio, até que por ele somos vencidos. Melhor será a vida com equilíbrio (dāchi), enquanto for possível mantê-lo.

A transposição prática pode ser útil para compreender melhor o fenômeno. Se imaginarmos a atividade empresarial (90% das novas empresas morrem antes de um ano de duração, sem produzir lucro) o conceito fica claro. Em qualquer empreendimento de sucesso, o dāchi haverá de ter sido alicerce fundamental, sem o qual os objetivos (kime) jamais teriam sido alcançados.

Qualquer negócio (ou atividade humana) demanda equilíbrio, primeiro de tudo o mental (desequilibrados mentais, como se sabe, encontram o fracasso e tão desequilibrado é seu mundo interior que sequer podem reconhecê-lo). Na sequência, o negócio deverá oferecer ao mercado um produto material ou serviço, devendo considerar as peculiaridades do entorno para oferecer aquele produto ou serviço desejado, e não aquele que o empresário desequilibrado quer impor.



A decisão de produzir (bens ou serviços) deverá levar em consideração o equilíbrio entre as aptidões e possibilidades de quem produz e as necessidades e expectativas de quem deverá consumir.

Segue-se a necessidade do equilíbrio orçamentário ou contábil. As empresas natimortas “falecem” justamente quando o empresário, em seu desequilíbrio estrutural, oferece produto indesejado ou, mesmo podendo atender ao mercado, resolve servir-se dos haveres da empresa como se deles ela não necessitasse (neste caso também falta-lhe kime).

Outras demonstrações de dāchi podem ser observadas na atividade empresarial: é necessário dominar o equilíbrio de produção, ajustando milimetricamente, não apenas os custos, mas também o ritmo da produção, o relacionamento entre aqueles que oferecem os insumos e os consumidores finais. Nesse momento, o empresário, em sua atividade, estará lutando (kumite). A partir do equilíbrio poderá desenvolver as demais características do movimento exitoso: Ki, kime, zanchin, tudo com sua representação abstrata nas atividades externas à arte marcial, mas perfeitamente integradas ao Budô.

O Karatê-dô, fisicamente, demanda local próprio (Dôjô), preparação física e mental, mas o Budô o praticante leva para onde estiver.

É necessário refletir sobre o dāchi e suas múltiplas acepções e aplicações. Não se poderá desdenhá-la antes que se possa dominá-la e internalizá-la. A base é estrutural a qualquer prática, e sua má-aplicação ou desleixo em seu conhecimento comprometerá toda a construção que cada praticante ergue em sua vida.

O conhecimento profundo do dāchi, por sua complexidade, demanda tempo e experiência. É necessário fazer ver ao praticante que, quando ele escolhe o caminho, deverá ter paciência e pertinácia para aguardar os frutos. A inconstância é sinônimo de desequilíbrio.

Sem esse equilíbrio in abstracto não será possível encontrá-lo in concreto, quando o praticante fatalmente será exposto à sua falta de equilíbrio, experiência que



pode ser letal se o mesmo não aceitar a responsabilidade própria, ou de que quem o instruiu, deixando o caminho (Dō).

Qualquer um pode abandonar o caminho, e por múltiplas razões, normalmente as conveniências, o tempo, a distância, os interesses em outras áreas, a limitação de dinheiro ou energia, mas deixá-lo pela frustração decorrente à falta de equilíbrio sempre será a pior das formas. O desequilíbrio haverá de acompanhar o praticante demissionário pespegado em sua natureza.